



101 aldravias
de
José Manuel da Silva
©
2012

*para
Marília
que
apresentou-me
a
aldravia*



toda
mulher
quer
um
creme
milagroso



todo
homem
quer
uma
mulher
milagrosa



trabalhar
não
dignifica
e
só
complica



a
estrada
da
vida
é
poeirenta



a
m
a
n
t
e



con
tex
tu
a
li
zar



abominável
homem
moderno
dinheiro
celebridade
poder



diariamente
o
martírio
de
nosso
existir



anterior
idade
maior
idade
senil
idade



destino
de
poeta
beliscar
o
imponderável



improcede
o
desargumento
dos
absurdismos
governantistas



ser
mulher
é
um
sonhar
eternamente



ser
homem
é
um
procurar
inconsequente



a
ilusão
de
deus
ainda
persiste



discrimino

meu

próprio

existir

sem

pudor



amor
verdadeiro
em
vida
só
um



alma
gêmea
casas
separadas
esperado
amor



um
no
outro
suco
e
atrito



em
meio
aos
bytes
o
gozo



destrito
úmido
viajando
incomodamente
destino
aleatório



algumas
pessoas
semáforos
algumas
pessoas
zebras



meu
plugue
em
tua
tomada
eletricidade



não
importa
o
meio
conhecer
sempre



sentir
é
um
privilégio
de
poucos



divido
e
subtraio
para
somar
multiplicando



todos
finados
amados
odiados
todos
lembrados



para
que
saber
tanta
coisa
assim



mulher
catando
migalhas
metálicas
na
rua



deus
é
o
desespero
dos
profanos



vejo
mundo
se
esvair
em
poder



despertai
poetas
a
vida
vos
chama



uma
pitada
de
sal
no
absinto



às
vezes
quero
fêmea
outras
mulher



talvez
são
as
incertezas
dos
porquês



depois
do
amor
dor
de
cabeça



menina
de
verde
e
corpo
maduro



escutar
o
som
de
meu
pensamento



quem
bebe
pouco
goza
sempre
sozinho



e
então
o
absurdo
me
encontrou



mulheres
que
têm
coração
nos
olhos



o
dia
raiou
a
poesia
acabou



sexo
bom
de
todos
os
tipos



disparo
meu
verbo
para
ninguém
ouvir



gelo
no
copo
calor
na
alma



O
espírito
santo
encarnado
no
travesti



tive
minha
alma
gêmea
e
perdi



não
quero
saber
onde
você
está



a
quem
interessar
possa
ainda
sou



cabelos
brancos
pele
enrugada
morte
iminente



coxas
vagina
peitos
boca
olhar
orgasmo



o
entregador
de
pizza
come
pizza



deixei
minha
caneta
dentro
do
laptop



descubro
um
vão
entre
tuas
pernas



favela
real
sonho
irreal
realidade
surreal



a
loja
que
hospeda
nosso
salário



a
poesia
corrompe
a
cruetza
d'alma



meu
astral
minha
sina
meu
umbral



bão
ba
la
lão
eu
sultão



o

papel
acaba

o

verso
desaba



não
posso
dizer
tudo
que
sinto



não
me
proíbam
não
me
coíbam



onde
foi
parar
o
meu
dinheiro



partículas
umedecentes
do
sexo
não
explícito



sou
romance
sou
rascante
sou
real



determinismo
desvelado
intrépida
garoa
inebriado
existir



de
tudo
um
pouco
digo
eu



derrubei
árvore
matei
leão
consegui
hematoma



saravá
amém
axé
ao
mesmo
deus



nascer
crescer
trépar
ganhar
pensar
morrer



o
dia
em
que
tudo
acabou



o
aprendiz
perguntou
por
que
aprender



afoga
meu
ganso
tira
meu
atraso



e

o

gozo

se

fez

dia



sou
de
peixes
não
me
deixes



ser
ou
não
ser
um
abismo



de
grão
em
grão
mais
fome



a
b
c
d
v
hr



o
povo
heroico
que
brada
revoltado



azul
é
a
cor
do
espírito



tuas
garras
me
arranham
sem
dó



amar
é
um
pedaço
do
paraíso



a
vida
um
beco
sem
saída



é
devagar
que
não
se
chega



foi
o
trabalho
que
não
dignificou



querer
o
indeterminado
sobre
a
consciência



almejar
o
próprio
insaber
das
coisas



tentando
abolir
a
permanência
na
incompletude



o
ser
que
sustenta
a
coerência



domesticado
fui
pelo
desdizer
do
indizível



e
quando
tudo
parecia
incerto
desaconteceu



samba
suor
cerveja
novela
riqueza
pobreza



desavisado
fui
amando
sem
me
conter



quem
vê
casca
não
vê
coração



a
data
a
hora
o
tempo



espaço
em
branco
de
minha
alma



nega
fulô
acordô
minha
alegria
vortô



pesquisando
o
indelével
ardor
da
existência



livros
livros
livros
em
qualquer
formato



arte
antídoto
para
o
retardo
existencial



quem
bate
ninguém
ótimo
pode
entrar



condensada
a
poesia
em
uma
aldravia

